

O rádio na interlocução com os valores dos trabalhadores: os “casos” em um programa popular

Simoni Lahud GUEDES

Resumo: No contexto de uma série de investigações acerca das formas de retenção e transmissão da *experiência* entre trabalhadores urbanos do Grande Rio, são analisados, neste artigo, alguns dos *casos* apresentados em um programa radiofônico de grande audiência: o “Show do Pedro Augusto,” que vai ao ar diariamente na Rádio Tupi do Rio de Janeiro. Estes *casos* que, no ano de 1997, quando foram coletados, abriam o programa, são narrados e dramatizados pelo próprio radialista. São, sempre, selecionados da crônica policial recente da cidade, envolvendo, todos, elementos de grande dramaticidade, resultando, em geral, em morte. Mas contém cada um deles, a par de sua aparente especificidade, a reafirmação de um conjunto de valores de referência dos trabalhadores. Através destes *casos* será possível demonstrar a constante reafirmação dos valores associados à família, ao desempenho “correto” dos papéis familiares centrados numa ótica hierárquica de gênero, e, mais ainda, a reafirmação do valor do *trabalho* como forma de sobrevivência. O estímulo à crença no valor do trabalho é, provavelmente, o eixo de significação central dos diversos *casos*.

Palavras-chave: *casos*; rádio; cultura de trabalhadores; família.

1. Reconstruindo *experiências* através dos *casos*

A realização de pesquisas sobre os processos de transmissão de patrimônios culturais, entre trabalhadores urbanos,¹ tem demonstrado a fecundidade da temática através de uma série de desdobramentos, de abrangência e níveis diversos, que exploram alguns de seus diferentes aspectos. Em um dos projetos realizados, foi enfatizada a investigação das diversas formas de cristalização e reconstrução dos significados e valores associados ao trabalho,² com trabalhadores do Grande Rio de Janeiro, nas diversas dimensões e correlações em que aparece. Tais valores e significados foram buscados tanto nos discursos diretamente referentes ao trabalho (histórias de vida e profissionais, avaliação dos movimentos do mercado de trabalho, concepção dos processos de trabalho, avaliação dos processos de qualificação para o trabalho) quanto nos discursos cuja tematização, em princípio, não está diretamente centrada no trabalho.

¹ Grupo de Pesquisa *Transmissão do Patrimônio Cultural*, sediado no Departamento de Antropologia da Universidade Federal Fluminense e registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq.

² O referido projeto, apoiado pelo CNPq denominou-se *A transmissão do patrimônio cultural entre trabalhadores urbanos: os valores do trabalho*.

A reflexão de alguns historiadores ingleses, mais especialmente a de E. Thompson (1987), convida a pensar o processo de construção (*o fazer-se*) de uma classe social como o produto de uma série de experiências históricas profundamente imbricadas, de ordem econômica, social, política e cultural. Do ponto de vista de sua construção simbólica, tal abordagem propõe, mais ainda, pensar esta cultura como um processo relacional, em constante mudança e em inter-relação com perspectivas e processos identitários que se lhes apresentam como contrastivos e/ou diferentes. Desse modo, o que se recorta como cultura de trabalhadores, no Brasil urbano contemporâneo, é o produto de um longo e complexo processo histórico, semelhante à construção de outros trabalhadores numa economia mundializada mas também específico e peculiar, pois responde às particularidades do processo histórico em que se insere. No caso brasileiro, é notável a importância assumida, como eixo identitário dos trabalhadores, da noção de *saber prático* e o valor que atribuem à *experiência*.

A auto-concepção dos trabalhadores brasileiros como detentores exclusivos do *saber prático* é um dos eixos fundamentais da cultura de classe trabalhadora no Brasil contemporâneo, entendida como uma “configuração de idéias-valores dessubstantivada” (Dumont 1985; Duarte 1986), ou seja, uma configuração hierarquizada de idéias-valores que pode ser analiticamente reconstruída como sistema, em relação permanente com outras configurações, constituindo-se na referência simbólica fundamental das pessoas para suas interpretações e atuações. Sob tal ponto de vista, um determinado estoque de *saberes práticos* e/ou de *experiências* que lhe são correlatas é parte importante do patrimônio cultural dos trabalhadores. É necessário reafirmar, contudo, que, de modo algum, tal cultura ou tal patrimônio podem ser concebidos como “isolados” ou ter suas fronteiras claramente delimitadas. O único isolamento possível é o analítico que busca, através dos diversos discursos e das práticas observadas, delimitar as idéias-valores mais significativas e reconstituir suas inter-relações. Na forma como se atualiza nas trajetórias e nas práticas das pessoas, tal configuração de idéias-valores fornece alguns eixos de interpretação das situações e eventos que se lhes apresentam. Esta configuração é, assim, de certa forma, repensada e rediscutida a cada momento, confrontando-se com idéias-valores de configurações distintas.

Este conjunto hierarquizado de referências simbólicas, desse modo, ao mesmo tempo em que fornece os esquemas mais amplos para interpretação da “realidade,” constrói esta mesma “realidade” (Berger e Luckmann 1973), possuindo, portanto, papel reificador. Tende a constituir, também, neste mesmo processo, um estoque de

experiências, parte do patrimônio cultural dos trabalhadores. Um patrimônio, antes de tudo, composto de “táticas e astúcias,” “espertezas” (Certeau 1994) acumulação não de bens objetivados, mas de saberes, técnicas, relações, éticas e etiquetas específicas, criadas, recriadas e transmitidas de geração a geração, no interior de famílias e grupos de parentesco, nos grupos de vizinhança e de trabalho, a partir de experiências vividas nos diferentes contextos de interação social em que vivem. Muito desta *experiência* é retida, acumulada e transmitida através de *casos*, histórias verossímeis (Magnani 1984) protagonizadas por pessoas conhecidas ou reconhecíveis, com enredos que enfatizam determinadas idéias-valores.³ Através da transmissão oral, a *experiência* é transmitida e reinventada, utilizando como seus veículos cristalizadores inúmeros *casos*. Tais *casos*, partilhando as características dos processos de transmissão oral, são selecionados, recriados, abandonados ou reinventados, perdendo ou ganhando significados, adaptando-se às mudanças que ocorrem nesta cultura e na sua inter-relação com outras perspectivas.

Mas este estoque de *experiências* acresce-se e se reifica, também, fora dos espaços de interação face-a-face. Refiro-me, sob este ponto de vista às interações midiáticas e, mais particularmente, às programações radiofônicas de grande audiência, dirigidas às chamadas “classes populares.” Alguns programas radiofônicos têm grande audiência e acompanham as atividades cotidianas de homens e mulheres. Uma das características importantes do rádio, já assinalada por alguns autores, é justamente esta: permite a realização de outras atividades enquanto é ouvido.

Alguns programas radiofônicos têm a nítida preferência dos ouvintes nos bairros de trabalhadores, sendo possível, inclusive, ouvi-los da rua, em uma espécie de concerto que provém das casas, das oficinas, dos bares e botequins. Muitos destes programas têm uma estrutura semelhante, sendo denominados por Esch (1999) como “rádio social.” Na estruturação destes programas, na região metropolitana do Grande Rio de Janeiro, espaço fundamental é deixado para os *casos*, como formas de retenção da *experiência*. Um destes programas, denominado *Patrulha na Cidade*, há 40 anos no ar, foi analisado por Edilson Márcio Almeida da Silva (2000). Neste trabalho pretendo analisar alguns dos *casos* apresentados em outro programa radiofônico, também de grande audiência, o *Show do Pedro Augusto*, na Rádio Tupi, do Rio de Janeiro. Estes *casos* abriam o

³ Analisei alguns destes “casos,” referentes à “cura divina” em Guedes (1998b).

programa,⁴ narrados e dramatizados pelo próprio radialista. São, sempre, selecionados da crônica policial recente da cidade, envolvendo, todos, elementos de grande dramaticidade, resultando, em geral, em morte. Mas contém cada um deles, a par de sua aparente especificidade, a reafirmação de um conjunto de valores de referência dos trabalhadores.

Através de uma série de *casos* coletados em 1997, será possível demonstrar a constante reafirmação dos valores associados à família, ao desempenho “correto” dos papéis familiares centrados numa ótica hierárquica de gênero, e, mais ainda, a reafirmação do valor do *trabalho* como forma de sobrevivência. O estímulo à crença no valor do trabalho é, provavelmente, o eixo de significação central de diversos *casos*. Mas, tais idéias-valores, que se referem a um mundo que, supostamente, os homens podem controlar, encontram-se, na forma assumida por estas narrativas, confrontadas e contextualizadas por dois diferentes tipos de forças incontroláveis: de um lado, as paixões humanas, de outro, o destino, a sorte, a fatalidade.

É importante assinalar que, neste trabalho, o objetivo é identificar as idéias-valores que os estruturam e dirigem a interpretação dos eventos e do comportamento dos personagens, sugerindo a constituição de um *corpus* moral. Assim, não se pretende, aqui, realizar análise do discurso (tal como realiza, por exemplo, Lopes 1999), mas apontar como, através de determinados eventos selecionados e da forma pela qual são apresentados, reafirmam-se e recriam-se determinadas idéias-valores. E se não se trata de uma comunidade narrativa porque não há relação direta e dinâmica entre o narrador e os ouvintes (Lima 1985),⁵ os altos níveis de audiência destes programas⁶ e sua continuidade na programação autorizam o pressuposto de que interagem com as idéias-valores de seus ouvintes cotidianos. Como afirma Edilson Almeida da Silva (2001:6), com relação ao programa já referido acima:

⁴ Na época do registro dos *casos*, eles abriam o programa. Atualmente o programa está estruturado de modo um pouco diverso e o *caso* é apresentado mais ou menos ao fim de sua primeira hora.

⁵ A não ser por alguns telefonemas de ouvintes, sobre temas determinados, que, em geral, fazem parte da estrutura destes programas.

⁶ Site do IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública) consultado confirma que, para o Rio de Janeiro, as rádios Globo e Tupi apresentam os maiores índices de audiência nos horários diurnos, embora não disponibilizem dados particularizados.

Os “casos” apresentados no “Patrulha na Cidade” notabilizam-se por conterem uma série de personagens e discursos que aparentemente promovem a recriação de determinados espaços de valorização referentes à cultura de classes trabalhadoras. Ou seja, por encarnarem tradições, sistemas de valores e idéias pertencentes a dados segmentos sociais que constituem as classes trabalhadoras, tais “casos” acabam, concomitantemente, por refleti-las, nos termos de sua própria cultura. Assim, estabelece-se uma interlocução entre mídia e público e, de certo modo, determinados segmentos sociais passam a, também, dialogar com outros e entre si, por via da recriação de idéias-valores que o programa promove. Essa lógica opera em um movimento semelhante ao princípio da circularidade proposto por Ginzburg, uma vez que pressupõe a existência de influências recíprocas entre o “Patrulha da Cidade” e os diversos segmentos que compõem a classe trabalhadora.

Entre os trabalhadores urbanos brasileiros, diversas formas de narrativas, como venho demonstrando (Guedes 1997, 1998b, por exemplo) e, em especial, aquelas a que chamam de *casos*, entrecortam todas as interações sociais. São modos de reter eventos determinados, numa forma determinada, em moldes bastante semelhantes ao referido por Ong (1998) para as culturas orais.⁷ As narrativas contidas em programas radiofônicos, também *casos*, produzidas cotidianamente, enriquecem e dialogam com os *casos* ocorridos com os próprios trabalhadores (Guedes 1997), oferecendo-se à sua seleção, estabelecendo padrões de comparação e temas para sua avaliação. Consagram, além disso, um estilo de narrativa.

Reter valores e idéias através da retenção de acontecimentos, à parte a polêmica (e, muitas vezes, etnocêntrica) discussão acerca das possibilidades de utilização de categorias complexas e abstratas nas culturas orais (ver Lévi-Strauss 1970), é, sem dúvida, reter, transmitir e reformular o patrimônio de idéias e valores de uma cultura expondo-o em narrativas que falam da estrutura através das formas selecionadas de atuação humana. Marshall Sahlins (1990, 1994), discutindo a relação entre estrutura e acontecimento, através de material histórico sobre a chegada dos europeus ao Havaí, no final do século XVIII, elabora duas proposições básicas, fundamentais para a reflexão neste projeto: de um lado, a cultura fornece os parâmetros para a leitura dos acontecimentos mas, por outro lado, a própria cultura altera-se ao se defrontar com os acontecimentos. Ou seja, a estrutura não é infensa aos eventos. Esta dupla contingência, como a denomina Sahlins, produz o “o risco das categorias na ação.” A questão é, como ele coloca, a da relação entre conceitos culturais e experiência humana, ou seja, “the

⁷ Embora, evidentemente, não se pretenda classificar as culturas de classe trabalhadora como culturas orais, classificação, além disso, extremamente problemática. Pretende-se apenas, com tal comparação, apontar para alguns aspectos do processo de retenção de *experiências* através dos *casos*.

interaction of system and event is itself susceptible of structural account, that is, as a meaningful process.” (1994:33).

É na experiência humana, portanto, no evento, que se confrontam interminavelmente os referenciais culturais e um mundo que sempre lhes escapa de algum modo e sobre o qual atuam sujeitos inteligentes, cujas atuações não podem ser inteiramente contidas pelas categorias culturais. Sahlins (1990) considera o evento como a forma empírica do sistema, capaz, entretanto de reagir dialeticamente sobre ele e transformá-lo.

O evento, assim, sob tal perspectiva, não se opõe à cultura, enquanto sistema simbólico que permite ordenar e interpretar o mundo, mas é um dos seus muitos modos possíveis de operação e, no limite, testa a elasticidade de suas fronteiras permitindo, até, alterá-las. Selecionar *casos* na seqüência desordenada das vivências ou incorporá-los, já selecionados pela produção de um programa radiofônico, representa, justamente, elaborar tais ajustes da configuração de idéias-valores disponíveis em relação ao fluxo muitas vezes avassalador do viver. Significa colocar em confronto uma configuração de idéias-valores e as forças incontrolláveis das paixões e desejos humanos e, ainda, do destino. Contar e ouvir *casos* é, sob tal ponto de vista, tentar domesticar o viver.

2. O Show do Pedro Augusto: a rádio social do Romeiro de Aparecida, o Homem-Alegria do Rádio

O *Show do Pedro Augusto* é apresentado de segunda a sexta-feira, das 13 às 15 horas, e aos domingos das 6 às 9 horas, numa das mais tradicionais emissoras AM (Amplitude Modulada) do Rio de Janeiro, a Rádio Tupi (1280 Khz). Segundo informações constantes no site da Rádio Tupi,⁸ o programa estava, na ocasião, no ar há sete anos⁹ e é “líder absoluto de audiência nas tardes do Rio de Janeiro.” Segue uma formatação bastante difundida na programação radiofônica dirigida aos diversos segmentos da classe trabalhadora combinando narrativas de *casos* policiais ou não, “piadas” e brincadeiras feitas pelo *comunicador*,¹⁰ correntes de oração e ajuda mútua, receitas de *simpatias*, “palpites” para o *jogo do bicho*, conversas com ouvintes acerca de problemas comunitários, de saúde ou outros, música, “fococas” acerca de artistas,

⁸ <http://www.tupi-am.com.br/comunica.htm>, consultado em 28/03/2002

⁹ Computando, portanto, mais de 10 anos no ar em 2005.

¹⁰ Categoria utilizada atualmente para designar os profissionais que conduzem programas radiofônicos.

especialmente de televisão, sorteios (por exemplo, de alguns quilos de frango de uma determinada marca), tudo entremeado por uma série de propagandas que acompanham o estilo do programa (remédios populares, jornal popular, supermercados, etc.). Tais programas são classificados como “rádio social” (Esch 1999):

O antigo amigo e companheiro de todas as horas se coloca agora como um aliado de seus ouvintes ao apresentar e defender por intermédio do microfone, os pedidos, reclamações e reivindicações de natureza social que o público faz chegar às emissoras.

Essa intermediação acabou por dar conformidade ao que se denominou “rádio social,” ou seja, programas que abrem espaço para a discussão de problemas que envolvem parcelas significativas da população de baixa renda nos grandes centros urbanos do país. Programas deste tipo não se restringiram a apenas discutir e mostrar os problemas e as insatisfações vividas pelas camadas mais pobres da população. Ultrapassaram o momento da simples constatação dos problemas e em muitos casos se transformaram em autênticas “correntes de ajuda.” (Esch 1999:72-73)

É bastante claro, no *Show do Pedro Augusto*, o público-alvo pois que, a todo momento, ele cumprimenta os *trabalhadores* em geral e, eventualmente (às vezes em função da profissão de um ouvinte ao qual se refere especificamente) cumprimenta profissionais em especial: *taxistas, motoristas de ônibus, trocadores, empregadas domésticas, policiais*, por exemplo.

Não é, portanto, casual, que um percentual bastante significativo destes *comunicadores* dispute cargos eletivos, em geral para a Câmara Federal ou as Assembléias Estaduais, com bastante sucesso (Esch 1999). Isto ocorreu, justamente, com Pedro Augusto Palaretti, eleito deputado para a Assembléia Estadual do Rio de Janeiro, pelo Partido da Frente Liberal, em 1998.¹¹

Esta formatação bastante semelhante em sua estrutura, desloca a diferenciação e a especificidade para as características do próprio apresentador do programa, seus diversos “estilos de atuação” como denomina Esch (1999:73). No caso do *Show do Pedro Augusto* há um momento de grande solenidade, às duas da tarde, que é a oração a Nossa Senhora Aparecida, momento denominado pelo radialista como *a maior corrente de fé do rádio*. Pedro Augusto patrocina, mensalmente, a ida de dez ônibus de romeiros à Basílica de Aparecida do Norte, sorteando a viagem através de cartas enviadas por

¹¹ O deputado aparece, no site da Assembléia Estadual, sem especificação de partido, em fevereiro de 2002.

seus ouvintes. Denomina-se o *Romeiro de Aparecida*, marcando bastante sua imagem pela disseminação do culto da santa.

O outro epíteto pelo qual se auto-referencia é *O Homem-Alegria do Rádio*, repetido várias vezes durante o programa. No referido site da estação, destaca-se que “das 13 às 15 horas você curte para valer a tarde com informação, alegria e fé.” Esta dimensão de alegria também é acentuada com um dos jingles do programa: “Ei, o Pedro Augusto é uma festa. Ei, ele me faz a cabeça.”

Mas outro momento importante, também solene, apresentado em geral com música clássica de fundo, é a narração, pelo radialista, de um único *caso* escolhido pela produção do programa. A solenidade, a procura da seriedade e os detalhes com que é contado, diferenciam este *caso* de outros *casos* que compõem o programa anterior, a *Patrulha na Cidade* (cf. Silva 2000) e, mesmo, de outros mais rápidos, jocosos e leves que, eventualmente, compõem o programa. Nestes *casos*, nas avaliações que o atravessam, transitam muitas das idéias-valores que compõem o referencial simbólico dos trabalhadores.

3. Os casos do *Show do Pedro Augusto*: a valorização da família e do trabalho e o confronto com as paixões e o destino.

Os onze casos selecionados aleatoriamente em julho de 1997¹² são todos narrados segundo um estilo consagrado por Gil Gomes, nas décadas de 1970 e 1980, primeiro na Rádio Record e, posteriormente, na Rádio Capital, ambas de São Paulo,¹³ e analisado em trabalho pioneiro de Maria Tereza P. da Costa (1992):

Gil Gomes parece dirigir toda a atenção que cria no ouvinte somente pela forma como conta um crime. A quantidade de informações que vai transmitindo ao público permite montar um quadro onde são matizados os bons, os maus, as condições de vida dos personagens; enfim, um quadro onde as referências são as mazelas do cotidiano do próprio público ouvinte. É exatamente isto que facilita a identificação desse público com o radialista e com o seu programa.

Gil Gomes constrói os tipos, fornecendo suas origens, suas características físicas até psicológicas; enriquece as imagens, colocando elementos que fazem com que a história tenha uma semelhança com antigos folhetins ou novelas de rádio. Ele monta a trama, tece a rede de relações, e o delito, em si, acaba sendo

¹² Foram gravados e transcritos os *casos* contados nos dias 02, 03,04, 07, 08, 16, 17, 18, 29, 30 e 31 de julho de 1997. No dia 02 de julho de 1997, o programa foi integralmente gravado e transcrito, com o objetivo de registrar sua estruturação.

¹³ Este programa começou a ser transmitido pela TV Record, de São Paulo, no dia 10 de julho de 1987 (Costa 1992:121).

transferido para um segundo plano dentro da narrativa. Sua estratégia baseia-se numa redundância de adjetivos, ditos em tom exaustivamente dramático, tendo como pano de fundo músicas clássicas ou, então, aquelas típicas de filmes de suspense. (Costa 1992:32-33)

Embora o *Programa Gil Gomes* não tenha sido o primeiro a dramatizar crimes e outros acontecimentos (Costa 1992:16), devendo-se anotar, para o Rio de Janeiro, o sucesso e a importância do programa *Patrulha na Cidade* que tem, como um de seus carros-chefes, a apresentação de cinco ou seis dramatizações por programa (Silva 2000, 2001), não há dúvida de que o estilo de narração difundido por Gil Gomes - repetindo diversas vezes algumas palavras, pleno de reticências, num tom entre o sério e o solene - compôs um padrão narrativo.

Os *casos* apresentados no *Show do Pedro Augusto* são narrados de forma muito semelhante. Em contraste com o tom alegre, descontraído e brincalhão que o radialista procura imprimir a quase todo o programa (o *Homem-Alegria do Rádio*) que conta, inclusive, com a ajuda de artistas que representam, por exemplo, o menino Pedro e a “vó” Filó, personagens que participam de esquetes extremamente jocosos, dois momentos se destacam pela solenidade e seriedade com que são apresentados: a narração do *caso* escolhido para o dia e a corrente de oração a Nossa Senhora Aparecida.

A narrativa de cada um dos *casos* é propositalmente lenta, durando de 10 a 15 minutos. Os personagens são, em primeiro lugar, tornados familiares e verossímeis¹⁴ aos ouvintes por serem exatamente localizados: todos têm nome e sobrenome, seus locais de moradia são anunciados e, muitas vezes, caracterizados como regiões pobres das cidades, como, por exemplo, no *caso* apresentado no dia 30 de julho de 1997:

O baile terminou por volta de quatro horas da madrugada. Paulo se interessou por Priscila e se ofereceu para levá-la em casa de carro. Priscila também estava interessada em Paulo, mas disse o seguinte: “Olha, eu moro longe, eu acho que você não vai gostar, eu moro na favela, eu... eu sou pobre, se você não se importa, tudo bem, eu aceito a carona.” Paulo estava disposto a conquistar a moça de qualquer maneira. Aceitou! Aceitou! Levou Priscila e seu irmão até sua casa. Hei! Olha gente, era um lugar pobre, bem na periferia da cidade.

Esta forma de localização dos personagens que compõem a história, bastante comum nestes programas (Costa 1992; Silva 2000) estabelece, de imediato, a

¹⁴ Sobre a importância da verossimilhança na produção da cultura de classe trabalhadora, ver Magnani (1984).

possibilidade do ouvinte elaborar comparações, situando o *caso* dentro dos parâmetros de sua própria vivência. De fato, as narrativas radiofônicas caracterizam-se por estimular e deixar espaço para a imaginação do ouvinte:

Radio has been described, as I have suggested earlier, as “the theater of the mind.” What this means is that when we listen to a narrative on radio, we use our minds to visualize (to see with the mind’s eye, that is) or imagine what the characters look like, what they are like, where they are, and what are they doing. (Berger, Arthur, 1996:135)

A localização da maioria dos personagens em espaços urbanos característicos das áreas residenciais de trabalhadores no Brasil¹⁵ é, sem dúvida, um dos pontos-chave destes *casos* e uma das características deste tipo de programação radiofônica (Costa 1992; Esch 1999; Silva 2000). Deste modo, a tematização das relações de vizinhança é bastante freqüente, compondo o contexto principal no qual ocorrem alguns dos *casos* selecionados. O *caso* apresentado no dia 02 de julho de 1997 versa, exatamente, sobre conflitos na vizinhança, caracterizando-se o *bom* e o *mau vizinhos* em função da relação com as brincadeiras das crianças na rua. Mas não é casual que o *bom vizinho* seja, também, o *bom trabalhador*:

De repente, apareceu o sargento, o sargento José Albuquerque. Ele saiu de sua casa ameaçando toda a garotada. Ele disse: olha vamos parar com esse jogo, senão vocês vão se arrepender, cambada de moleques, saiam daqui!!! [Gritando alto] Vocês continuam fazendo o mesmo barulho de sempre! A essa hora da manhã, eu não posso dormir! Parem com isso!!! As crianças ficaram assustadas, pensaram em parar mas Wilson, o vizinho amigo dos garotos, Wilson, um bom camarada, Wilson, um homem exemplar, Wilson, de apenas 20 anos, bom caráter, bom vizinho mesmo, homem trabalhador, Wilson, amigo dos seus vizinhos, principalmente dos garotos que jogavam futebol naquela rua.

São igualmente os vizinhos que, no *caso* apresentado em 30 de julho de 1997, após assistir impassíveis a um homem bater em uma mulher, sua ex-amante, em frente à casa em que morava com sua esposa (*Os vizinhos assistiam a tudo, mas ninguém se envolvia. Ninguém queria saber de um envolvimento naquela discussão, naquela briga*), reproduzindo um padrão de comportamento considerado adequado nestas relações de vizinhança, reagem violentamente, quando o homem agride uma criança, sua filha com a ex-amante:

¹⁵ Com algumas exceções, a que me referirei abaixo, quando seleciona *casos* de repercussão que envolvem pessoas que têm vida pública.

Pegou a criança pelos braços e jogou, jogou a neném em direção a Priscila. Paulo fez isso, pegou a criança, pegou aquele bebê pelos bracinhos e jogou, jogou para cima da mãe: “Toma esta maldita criança”, dizia ele, “some, some daqui e leva essa criança com você.” Aí as pessoas que assistiam a tudo não se controlaram. Vários vizinhos foram em direção ao monstro e passaram agredi-lo violentamente. Paulo foi literalmente massacrado pelos vizinhos. Só foi salvo porque uma guarnição da polícia passava pelo local. Os policiais deram tiros para o alto, muitos tiros. Deram tiros para o alto, espantando os agressores.

Demarcando os limites que não podem ser ultrapassados, alguns *casos* trazem, também, como reiteração destes limites extremos, a revolta dos encarcerados, acentuando que tais padrões morais (a indignação e a repulsa à agressão a uma criança, padrão também verificável em eventos de estupro e agressão a própria mãe) são compartilhados até pelos que, por outras razões, estão sendo punidos pela sociedade:

Na delegacia, Paulo mais uma vez teve problemas. Os presos, sim, os presos, ontem à tarde o agrediram mais uma vez. Carlão, que é o chefe da carceragem, disse que ele tem que ser removido, o mais rápido possível, porque senão será morto pelos presidiários, será morto pelos presidiários! (30 de julho de 1997)

Fundamental também, nesta ambientação do *caso* para torná-lo compreensível, significativo e verossímil é a caracterização dos personagens, cujo encaminhamento, desde o início do *caso*, assinala a avaliação que o radialista faz da história, sustentando a conclusão a que chegará, sempre uma avaliação moral, em geral eivada de indignação, e eventualmente, conforme o *caso*, de compaixão. Acentue-se que, em nenhum momento, a narração pretende ser neutra ou objetiva. A narrativa é, intencional e claramente, avaliativa. Sob tal ponto de vista, há uma série de características que chamaríamos de qualificações de “temperamento” dos personagens (*calmo, cordial, decidido, sensual, de pavio curto, de gênio explosivo* e assim por diante) que, de algum modo, inserem na história contada elementos não controlados relativos à construção da pessoa e ao lugar dos desejos e paixões humanas. Mas, mais do que as qualificações de “temperamento” (e, talvez, profundamente associadas à sua interpretação, no *caso*, como positivas ou negativas) está a caracterização dos personagens em termos de seus papéis familiares e, imbricados a estes papéis, sua relação com o trabalho, sejam homens ou mulheres. A caracterização seguinte é exemplar neste sentido:

Desde que o marido morreu num desastre de ônibus na Via Dutra, que Maria Teresa dos Santos decidiu não mais se envolver com ninguém, com homem algum. Seu marido era um homem bom, foi o primeiro homem na vida de Maria Teresa. Ela o amava demais e não sentia vontade de ter um novo companheiro. A sua missão, a sua missão era cuidar da educação da filha, Regiane, que estava com três anos de idade. Maria Teresa foi à luta, mulher de fibra, mulher competente, mulher que nunca deixou de trabalhar. Enfrentou diversas dificuldades, mas de certa forma teve seus esforços compensados. (29 de julho de 1997)

O permanente elogio do desempenho “correto” dos papéis familiares que incluem, como um de seus eixos de significação fundamentais, a disposição de luta pela vida, a disposição para o trabalho, implica, no mesmo passo, a visão crítica dos que não cumprem adequadamente tais papéis:

Josué não tinha emprego fixo, era meio enrolado, parecia ser um pouco preguiçoso e não demonstrava amor por Naná. (...) Depois de dois meses de casamento, Josué, mais uma vez, ficou desempregado. Ele não parava em emprego nenhum. (31/07/97)

Antes de ontem á noite Marlene discutiu com seu irmão João. Ela alegava que não podia trabalhar por causa da filha Alessandra. João seu irmão percebeu que Marlene estava com preguiça. Era vagabunda mesmo, não queria trabalhar e fez um oferecimento: “Olha minha irmã, eu vou te ajudar, durante o dia sua filha fica com minha mulher, mas vai trabalhar, dê um jeito de comprar leite para ela.” Foi o que João disse, o João irmão de Marlene. Marlene não queria trabalhar, não tinha amor, não tinha carinho pela filha. (04/07/97)

A caracterização dos personagens dos *casos*, desta forma, é profundamente infletida pelo “bom” desempenho dos papéis familiares, particularmente os parentais e os conjugais, e, apresentando-se como se estivessem inextricavelmente ligados, a disposição para o trabalho. Assim, quando um personagem negativado, como a Célia, que jogou seu bebê no lixo (*caso* do dia 08 de julho de 1997), apresentada como um *monstro*, uma *mãe desnaturada*, é referida como empregada doméstica, a ressalva impõe-se:

Eu amo as empregadas domésticas, eu amo todas as empregadas domésticas. Aquelas que trabalham com dignidade, que amam a vida, com decência, honestidade, mas este tipo de gente, é revoltante, gente.

Este tipo de ressalva é muito comum no programa. Por exemplo, em um programa de um domingo (17 de março de 2002), ocorreu uma situação que recupera,

com clareza, o confronto entre “estrutura e acontecimento” e sugere, possivelmente, a forma através da qual algumas concepções vão sendo alteradas paulatinamente. No *Show do Pedro Augusto* desse domingo, em um dos momentos do *Alertando Geral* (parte do programa em que repórteres atualizam notícias da crônica policial da cidade, que são posteriormente comentadas pelo radialista, muitas vezes em interlocução com o repórter que a noticiou), um repórter estava no Parque Terra Encantada, na Barra da Tijuca, local em que ocorreu, na noite do dia anterior, um show de rock e, logo na primeira música, um grande tumulto que deixou mais de cinquenta pessoas feridas. Houve também depredação de lojas no interior do parque. Pedro Augusto, ao comentar o fato narrado pelo repórter, no tom de grande indignação, que usa nestes momentos, diz que as pessoas que provocaram este tumulto são *monstros, vândalos, selvagens, são índios...* E prossegue, por alguns minutos, neste discurso indignado. Há, em seguida, um intervalo comercial do programa e, na volta, o radialista se retrata: diz que não devia ter chamado de *índios* a esses *baderneiros*, refere-se à campanha da fraternidade da Igreja Católica deste ano, que pregava o respeito aos *índios*, e, de certo modo, desculpa-se com os “*descendentes dos nossos índios.*”

Outra dimensão deve, ainda, ser assinalada: dos onze *casos* em foco, nove têm como núcleo central um crime mas dois, apresentados nos dias 16 e 18 de julho de 1997, narram acidentes, eventos interpretados como resultado da fatalidade e do destino, ambos, aliás, fartamente noticiados pela imprensa na ocasião. O *caso* do dia 16 de julho recria a história do professor Leonardo que teria escapado de acidente em vôo doméstico mas foi atropelado em rua de São Paulo, ficando, segundo a narrativa, “em estado gravíssimo.” O do dia 18 de julho tem como personagem central a atriz Alessandra Negrini que, após filmar para novela de televisão a simulação de um acidente automobilístico em túnel da cidade de São Paulo, sofre um acidente automobilístico no mesmo local, além de estar num avião, posteriormente, que tem problemas sérios ao pousar no Aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro. Estes dois *casos* tematizam, com clareza, o incontrolável da vida humana, acentuando que, apesar dos esforços dos principais personagens envolvidos – ambos apresentados cuidadosamente na narrativa como *trabalhadores (um professor trabalhador e uma artista trabalhadora), diligentes, dedicados ao trabalho* – há uma dimensão não-humana, indisponível para nossos desejos e atuações que responde por uma série de eventos. As avaliações finais do radialista que, como já afirmei, em todos os casos, sintetizam e resumem o sentido que imprime aos *casos* que conta, momento em que

exprime, com maior clareza, a interpretação que já vinha imprimindo à narrativa, são bastante significativas da atualização desta dimensão incontrolável nos dois *casos*:

Esta é a vida gente, o professor, o professor Leonardo se enganou ao dizer: “Eu não morri no avião, eu não morro tão cedo.” Tomara que não morra mesmo. Tomara que não morra, mas ninguém sabe o seu destino. O Prof. Leonardo sobreviveu a um acidente sério com o avião da TAM. O foker 100, da TAM, e em menos de um mês depois, ao atravessar uma rua em São Paulo pode ter encontrado a morte. Deus é que sabe do nosso destino. Ele é dono das nossas ações e nos mostra isso a cada momento. Esta aí pra todo mundo ver, um exemplo atrás do outro. Deus está presente. Deus se faz presente. Ele sabe a hora, está tudo escrito para cada um de nós. Nem que seja de um jeito muito além da imaginação! (16/07/97)

É a vida de artista, não adianta ela dizer: “Eu não entro mais em avião.” Não adianta. O artista não é dono do seu destino. Nenhum de nós tem o poder de saber o futuro, o que vem pela frente, o que vai acontecer dentro de dois minutos. O que vai acontecer agora, neste momento. Ninguém sabe, ninguém sabe, só Deus sabe. Está escrito, Deus sabe. Você, eu, nós, não temos o poder de saber o que poderia acontecer dentro de uma hora, duas horas ou agora mesmo. Só Deus sabe. Estes dois acidentes com Alessandra Negrini mostram claramente que a ficção e a realidade caminham juntas, lado a lado. E todos nós somos artistas destes teatros imensos, que é o nosso mundo cheio de mistérios, cheios de histórias. Muito além da imaginação. (18/07/97)

Estes *casos*, mesmo que apresentados com muito menor frequência, a se considerar o conjunto aqui recolhido, têm, entretanto, um lugar muito importante nas avaliações reconstruídas cotidianamente, pois, através deles, mantém-se como força atuante o *destino*, a *sorte*, neste caso, especificamente, recebendo o nome do incognoscível, Deus. Assim, se a construção do ser trabalhador para a família é enfatizada, admite-se que nem tudo é controlável.

Considerações finais

O material aqui analisado apresenta, sem dúvida, inúmeras outras dimensões sequer abordadas neste texto. A consideração destas narrativas, por exemplo, *in totum* deverá proporcionar algumas outras pistas bastante relevantes sobre o que dizem e o modo como dizem. Acentuei, exemplificando com trechos diversos, o modo como, através destes *casos*, reconstrói-se, cotidianamente, nas tardes do Rio de Janeiro, uma interlocução (Silva 2000) entre um radialista e seus ouvintes em torno de algumas das idéias-valores centrais que orientam os trabalhadores no Brasil urbano contemporâneo.

Mas gostaria também de acentuar aqui que a forma como tais idéias-valores são tematizadas através de eventos dramáticos, retidos como *casos*, replica a forma predileta dos trabalhadores para reter e reinventar *experiências*. Assim, quando contam suas histórias de vida, contam, simultaneamente, duas histórias: uma linear, cumulativa, em que vão envelhecendo e cumprindo etapas; outra, aparentemente mais desordenada, que interrompe o fluxo da linearidade, uma história que é um acúmulo de *casos*, uns tristes, outros decisivos, alguns apenas diferentes e pitorescos (Guedes 1997). Estes *casos*, exatamente como aqueles contados por Pedro Augusto e outros radialistas, estão, sempre, colocando “as categorias em risco na ação” (Sahlins 1990). Trata-se, como é bastante comum e já bastante identificado nas ciências sociais, da reafirmação das regras pela exposição e condenação de seu rompimento. Mas o elogio do trabalho e da família, particularmente da família nuclear conjugal e de seus papéis centrais – o *pai de família* e a *dona de casa* – é relativizado pela consideração da *sorte* e do *destino* como forças fundamentais nos acontecimentos. Assim se, de um lado, eles nos falam de um sujeito cujo livre-arbítrio responde por suas escolhas – *ser trabalhador ou vagabundo, bom ou mau vizinho, boa mãe ou mãe desnaturada* -, de outro fazem operar paixões incontroláveis e o destino inelutável, reificando forças que estão além do sujeito.

Simoni Lahud Guedes

Professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia
e Ciência Política, Departamento de Antropologia,
Universidade Federal Fluminense

Abstract: In the context of a series of investigations concerning the means to retain and to transmit the experience among Grande Rio's urban workers, this paper intends to analyze some of the cases presented in a radio program of great audience: the "Show do Pedro Augusto," broadcasted in Rio de Janeiro by Rádio Tupi. In 1997, the Program used to begin with these cases, narrated and dramatized by Pedro Augusto himself. They are always picked from the latest Rio de Janeiro's criminal stories, encompassing, them all, pieces of great dramatizing and usually ending up with somebody's death. However, each one of them implies – in spite of its particularity – the reaffirmation of an ensemble of the workers' values of reference. Throughout the cases collected, it is possible to demonstrate the constant reaffirmation of the values regarding the family and the "appropriate" fulfillment of its roles, focused on a hierarchic point of view of the gender and, above all, on a reaffirmation of the value of the work as a way of life. The inducement to the belief in the value of work is probably the hub of significance of several cases.

Keywords: *casos (cases)*; radio; working culture; family.

Referências Bibliográficas

- BERGER, Arthur Asa. *Narratives in Popular Culture, Media, and Everyday Life*. London: Sage Publications, 1996.
- BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. *A Construção social da realidade. Tratado de Sociologia do Conhecimento*, Petrópolis: Vozes, 1973.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer*, Petrópolis: Vozes, 1994.
- COSTA, Maria Tereza P. *O Programa Gil Gomes. A Justiça em Ondas Médias*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar; Brasília: CNPq, 1986.
- DUMONT, Louis. *O valor nos modernos e nos outros, O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*, Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- ESCH, Carlos Eduardo. *Do microfone ao plenário: o comunicador radiofônico e seu sucesso eleitoral*. In Bianco, Nélia e Moreira, Sônia (orgs.), *Rádio no Brasil: tendências e perspectivas*. Rio de Janeiro: EdUERJ; Brasília: UnB, 1999.
- GUEDES, Simoni Lahud. *A exemplaridade do extraordinário: o lugar dos casos na memória dos trabalhadores*. In: *II Encontro Nacional de História Oral, 1994*, Rio de Janeiro. *Documentação Oral e Multidisciplinaridade*; Rio de Janeiro: 1994.
- GUEDES, Simoni Lahud. *A pedagogia dos casos: experiência e memória na vida dos trabalhadores urbanos*. In: *XTH International Oral History Conference, 1998a*, Rio de Janeiro. *Oral History: Challenges For the 21st Century - Xth International Oral History Conference - Proceedings*. Rio de Janeiro: 1998. v.01. p.52-59.
- GUEDES, Simoni Lahud. *Jogo de Corpo: um estudo de construção social de trabalhadores*. Niterói: Eduff, 1997.
- GUEDES, Simoni Lahud. *Os casos de cura divina e a construção da diferença*. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v.9, p.47-62, 1998b.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Edusp, 1970.
- LIMA, Francisco Assis de Sousa. *Conto popular e comunidade narrativa*. Rio de Janeiro: Funarte, Instituto Nacional do Folclore, 1985.
- LOPES, Adriana Carvalho. *Violência contra mulheres na mídia impressa*. In Suárez,

- Mireya e Bandeira, Lourdes (orgs.), *Violência, gênero e crime no Distrito Federal*. Brasília: Paralelo 15, Editora da UnB, 1999.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- ONG, Walter - *Oralidade e cultura escrita*, Campinas: Papirus, 1998.
- SAHLINS, Marshall - *Historical metaphors and mythical realities*, Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1994.
- SAHLINS, Marshall - *Ilhas de história*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- SILVA, Edilson M. Almeida da. "Pra quem tem fraco por programa forte". *Construção de estereótipos e ocorrências policiais no programa Patrulha na Cidade*. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Políticas Públicas de Justiça Criminal e Segurança Pública, Universidade Federal Fluminense, 2001.
- SILVA, Edilson M. Almeida da. *Patrulhando a cidade: o valor do trabalho e a construção de estereótipos em um programa radiofônico*. 2000. Dissertação (Antropologia) - Universidade Federal Fluminense, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/DF.
- THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Recebido em 29/07/2010

Aceito para publicação em 03/08/2010